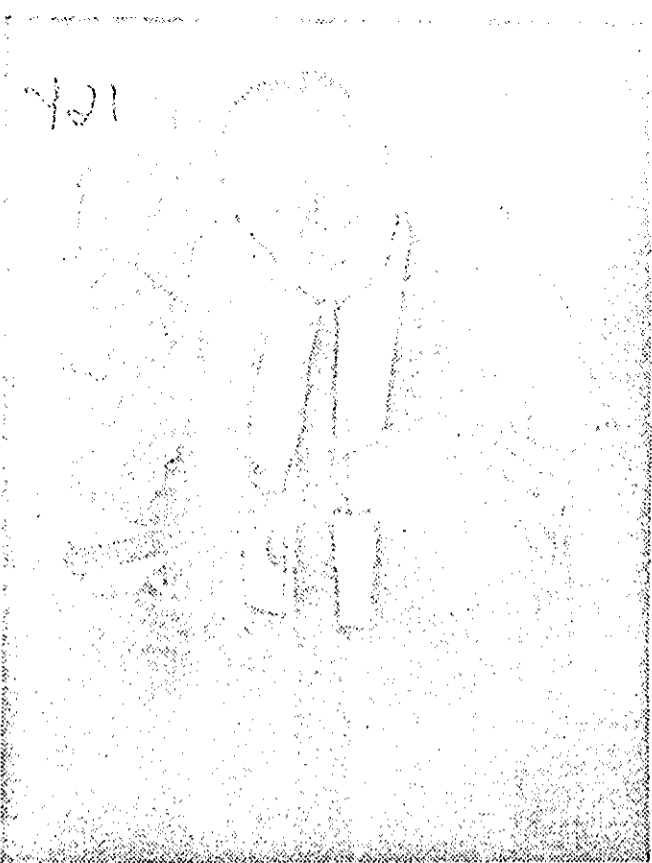




TYR 00001



O Presidente de FUNAI, nosso companheiro Queiroz Campos, exibindo o machado de silex dos Krâiakahore

1. Onde os índios são bons atiradores
2. A presença minoritária dos Caxuena
3. O tradicionalista "Pataento" Ionaré
4. Caçadores também cultivam cinco roças
5. Cacique não renuncia as quatro mulheres
6. Trabalho do binômio FAB-Missão
7. Estado sanitário e crescimento demográfico
8. Também há política: o sobrinho do cacique
9. Garimpeiros expulsos e missa em Tirió

GARABINAS DOS TIRIÓS VIGIAM O TUMUCUMAQUÉ

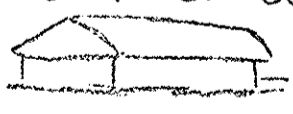
Américo Cavalleiro

(Especial para os Diários Associados)

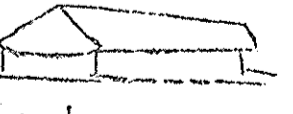


Um sugestivo quadro de beleza rural — a ave e o índio, remanescente este da população antecabralina do Brasil. A extinção dos últimos aborígenes e de alguns exemplares da fauna silvestre é poço que precisa ser atestado

a e i o u û ô
 a e i o u û ô
 e ô i û a o u i e o

 Mukucha

i p a k o r o c h e r ô

 Mukucha

i p a k o r o c h e r ô

ko ke ku kô ki ka kû
 ko ke ku kô ki ka kû
 koko nai, miki kurano

Última página da Cartilha Yitô, para aprendizado dos indígenas

Durante seis dias visitamos, acompanhando o Presidente da Fundação Nacional do Índio, três Inspetorias Regionais da Funai e três Parques Indígenas, em vinte horas de vôos, num périplo na região amazônica, tendo Brasília como trampolim e ponto de chegada. Serviu-nos, na viagem, um DC-3 bimotor, recentemente doado pela SADIÁ Transportes Aéreos ao Ministério do Interior, para serviço às comunidades indígenas, principalmente o atendimento sanitário.

O principal objetivo da viagem era a entrega, aos índios Tiriós, na fronteira do Brasil com o Suriname, de cerca de 15 mil cruzeiros novos de alimentos, vestimentas, calçados, remédios e objetos de cutelaria, doados pelo comércio e pela indústria de São Paulo. Mas a visita não se limitou ao Parque indígena do Tumucumaque: vimos, antes, o Parque indígena do Araguaia (Ilha do Bananal) e, na volta, o Parque Nacional do Xingu, onde, excepcionalmente nesta quadra do ano, havia tefo para aviação: um "cêu de brigadeiro".

Boas, que saíra vinte minutos antes, para uma viagem urgente a São Paulo, deixara no pósto Leonardo, para que fossem mostradas ao Ministro do Interior e entregues ao Museu do Índio, duas peças notáveis dos índios Krâiakahore, da Serra do Cachimbo, que está procurando atrair. Uma borduna, de mais de 1,50 m, cabo roliço e folha losangular em ponta, com 18 centímetros na parte mais larga, fazia crer no que dizem os outros índios vizinhos: são homens de grande envergadura, possivelmente com mais de 1,80 m de altura. A outra peça é um machado de silex, de rijo cabo rústico e fio de bom corte, com 60 centímetros de comprimento a parte de madeira e cerca de 15 centímetros a de pedra.

A visita se estendeu às sedes da 1.ª, 2.ª e 6.ª Inspetorias, respectivamente em Manaus, Porto Velho e Caiabá. De tudo, fizemos um relato, para esta reportagem.

(Leia na 6.ª página deste caderno).

No PNX, Orlando Villas

Aguarda o ONE ELEVEN da VASP o mais novo foto nos céus do Brasil

Carabinas dos Tiriós vigiam o Tumucumaque

Américo Cavalcheiro

421

A mais rápida estada foi na Ilha do Bananal, Posto Go-tüllo Vargas, onde se encontra um Hotel de Turismo, man-dado construir pelo Sr. Juscelino Kubitschek a cerca de quin-thenos metros da taba dos Carajás. Uma demora de três horas, para o almoço, enquanto o Presidente da FUNAI e seu Secretário de Administração, João Oscar Henriques, acom-panhados pelo engenheiro José Cavalcanti, iam cobrar a exe-cução de providências ordenadas oito dias antes, quanto à re-cuperação do Hospital e ao recolhimento do gado (mais de 1.500 cabeças) aos currais da FUNAI, vizinhos à taba.

No meio do curral que cir-cunda a residência dos va-queiros, uma vaca, de pesco-ço torcido sobre o ventre, in-capaz de levantar-se, parecia morrer de inanção.

— Isto é fome? — indagou o Presidente.

— Não senhor. Passou o dia no pasto e recebeu a ta-ção de sal de tarde. Cairam três e só esta não se levanto-ou — respondeu-lhe o va-queiro.

— Não comia sal há mui-to tempo?

— Há mais de ano.

— E qual foi a dose?

— Uma lata de 30 litros para cem vacas.

— Reduza, amanhã, para metade e vá aumentando um punhado, dia a dia, até atingir a dose normal. Esta vaca vai morrer, por excesso de sal.

Viranzo-se para o repór-ter, disse o Presidente.

— É uma atonia muscular, pela intoxicação do cloreto de sódio.

Indagou, em seguida, ao vaqueiro:

— Se mandar abate-la, vo-cês comêrão a carne?

— Não senhor, porque deu oria há menos de dois meses.

A mesma pergunta foi fei-ta a um índio e teve igual resposta.

Mas o administrador do hotel acatou a carne da va-ca que seria, necessáriamen-te, sacrificada.

O Presidente da FUNAI de-terminou que, diariamente, os índios recebessem um litro de leite e, semanalmente, se abatesse uma vez, para garan-tir-lhes o consumo de carne. Quanto aos funcionários, paga-riam o leite e a carne que consumissem.

EM TIRIÓS

Pela primeira vez chegava a Tiriós, no extremo noroeste do Parque Indígena do Tu-mucumaque, no limite com o Suriname, uma autoridade encarregada do problema in-dígena brasileiro. Até então, a missão francesa, de nome Missão Franciscana, de 1961, e a FAB, construída em 1962, não tinham chegado ao local.

O grupo de trabalho, chefiado pelo Sr. José Carlos de Azevedo, chegou a Tiriós no dia 11 de novembro. Uma missão pro-cessante do Suriname se en-carrega de atrai-los para apanhar os próprios índios, estão sendo convocados para o serviço militar e, por-tanto mesmo, pretendem vol-tar para território brasileiro.

O chefe supremo da tribo, de cerca de 250 membros dos quais 200 na aldeia da mis-são franciscana) é o «Pataento» (caçador) Ionaré, que tem o nome cristão de Pedro, mas não se batizou. Seu sobrinho, chefe tradicionalista, pre-sencia a missa, rezada em Tirió e compõe hinos sacros. Mas é muito duro e exigente. Chama-se Acheffa. A maioria fala português e o franciscano Frei Angélico Muelleri comp-õe uma cartilha em Tirió, para alfabetizá-los.

OS CAXUENA

Dos que estão sob a auto-ridade do Iovem Acheffa, cer-ca de quarenta são da tribo Caxuena. Também do grupo linguístico Karibe, como os Ti-riós. Chegaram lá este ano, procedentes do Rio Trombe-tas e quase todos falam por-tuguês. Ambas as tribos vi-vem mais da caça do que da pesca e os homens atiram muito bem com suas espin-hardas de calibre 22 ou de chumbo. Cultivam a mandioca, a banana e a batata, o mi-lho e o feijão. Quando che-gam da caça e da pesca di-videm, primeiro, o produ-to com a tribo. São original-mente selvagens, mas os padres convenceram muito à monogamia. Menos o «Pa-taento» Ionaré, que tem qua-tro esposas. Frei Angélico ainda quis tentar uma ver-são do bismo, para convul-sionar as suas múltiplas, mas só obteve o matrimônio-legal, com o reconheci-mento de fato das «neubla-nas».

O «Pataento» não se inte-ressa por semelhante solu-ção: dos brancos quer armas, calcções, calcões e instru-mentos de ourivesaria. Enten-de o português mas é intrans-igente de censor das tradi-ções e costumes originários da sua tribo.

A EQUIPE

Além dos elementos da FAB, que quinzenalmente

chegam à Missão, levando-lhe recursos, responsabilizam-se pela tarefa de atender aos índios aldeados: Frei Cirilo Haas (que está viajando); Frei Angélico Muelleri (há mais de 35 anos no Brasil, ordenado em Olinda e brasi-leiro naturalizado); Frei Da-vid Costa, paraibano, com sua irmã solteira Maria de Lourdes; as religiosas Anita Raimunda, Germana (que substitui, temporariamente, Josefa, atualmente em Obla-dos) a dentista Geraldina e Aldo Oliveira, que responde pela Farmácia.

Encontramos com o «Pa-taento» Ionaré, na outra al-deia, em plena floresta, o an-tropólogo Protásio Frikel, ex-frade franciscano, hoje casa-do e funcionário do Museu Goeldi, do Pará. O Presi-dente da Fundação convidou-o para chefe do Parque Indi-gena do Tumucumaque e a resposta ficou dependendo do acórdio daquele Museu.

GOSTUMES

Acertando agora a monoga-mia (pois só há três mulhe-res excedentes na tribo) os Tiriós se casam cedo, logo que atingem a puberdade e noi-vam desde crianças. Por vê-zes, antes do nascimento, os casais índios combinam, en-tre si, noivar os futuros re-bentos. Não há promiscuidade sexual, mas podem occur-ter uniões transitórias. Um menino caçador, de cerca de sete an- (a mãe é quinquag-enária) nasceu de um negro do Suriname que trabalhou dois anos na tribo. Muito ale-gres, as crianças confiantes, embora haja um grupo de vinte por cento de conserva-dores, revelam, em geral, o máximo interesse pelas coi-sas dos brancos, principal-mente as armas e o vestuá-rio. Hábeis canoeiros, têm vocação para a mecânica e as mulheres, em cinco máquinas, gostam de costurar seus pró-prios vestidos, enquanto os maridos, com a criança no colo, ficam olhando por vê-zes ajudando. São raríssimas as doenças contagiosas.

UMA EXCURSÃO

A comitiva, desembarcou, cerca das 11 horas de domín-go. Recebeu-a Frei Angélico Muelleri, alto, gordo, longas barbas, cerca de 55 anos, ves-tido como um camponês, bem-humorado, de palavra fácil e franca, foi logo abor-dado pelo ornitólogo Douglas Frish.

— Trouxe-lhe os presentes prometidos.

— Entregue-os à irmã. Ela é que cuida dessas coisas.

Houve as apresentações. Logo, depois aparecia, num Unimog Mercedes-Benz (um dos dois doados pela Alema-nha), Frei David Costa. Os presentes fora descarrega-dos pelos próprios índios, com a ajuda de membros da tri-pulação e jornalistas. Os gra-vadores e as máquinas foto-gráficas entraram em ação. O dia estava excelente para fotografias a cores. Pouco depois, o Unimog, conduzido por Frei David, nos levava à taba, à beira, o Presidente da FUNAI, no reboque, os de-mais. Alguns cobriram a pé a distância de menos de um quilômetro.

— Os índios chamam este carro de «Mankó» e o rebo-que de «Mukus».

— Que significa, em portu-guês?

— A mãe e o pai. Mankó é que «uxa Muku e a filha-ada. A mãe Tirió é modelar, como trabalhadora e protetora da prole.

Foi naquela vltura, sem o reboque, que fizemos, à tar-de, uma visita ao «Pataento» Ionaré. A estrada foi cons-truída com a supervisão dos padres, pelos próprios índios, chefiados pelo «Pataento» Há meia dúzia de pontes rústicas, no recesso mata ciliar, bel-os trabalhos de engenharia primitiva, em toros, duas ca-madas, deitados nas direcções norte-sul e leste-oeste. A pon-te resiste bem ao peso de cin-co toneladas, com estaças de queijo enfiadas no leito do ribeiro, a conter a estrutura. Foi uma árdua excursão, cer-ca de três horas, na ida e volta, para cobrir uns vinte e cinco quilômetros.

O «PATAENTO»

Depois de ligeira conversa com o antropólogo do Museu Goeldi, quando, com certo-tiro, João Oscar derrubou um

gavião, partindo-lhe a asa e entregando-o vivo aos índios, chegou o «Pataento».

De compleição e estatura medianas (cerca de 1,65m e uns 55 quilos), aparentando cinquenta anos, apareceu Ionaré, espinçada ao ombro, duas aves maiores do que um pato, na mão. Estava de bot-as de borracha, calcção e um boné. Fala pouco português, mas apertou a mão de todos os membros da comitiva. Tem um rosto inteligente e, ce-rando o deovimento dos civi-lizados, trata-se de habilíssi-mo político. Inicialmente, seu sobrinho Acheffa se aprox-i-mou dos padres. O «Pataen-to», no entanto, percebeu que tribo, com muito contato, se alienaria, abandonando os costumes tribais. Embora muito amigo dos frades pre-feriu afastar-se. Quando o procuraram para a construção da estrada levando o seu núcleo ao maior, da missão, mobilizou homens e derrubou pesadas árvores. Terminado o caminho, um dia viram os padres sua aldeia pronta pa-ra partir.

— Vão embora? Não estão satisfeitos com a gente?

— Nada disso. Mas o «Pa-taento» disse que os padres fizeram a estrada para a gente ir...

Desfeito o engano, ficaram. Mas o truque do «Pataento» deixou os frades imprisiona-dos com a sua habilidade po-lítica.

QUADRO SANITARIO

As notícias chegadas à FUNAI eram de que os Ti-riós estavam desaparecendo, dizimados pelas doenças ou atraídos para o Suriname. O que vimos foi uma boa far-mácia, muito limpa e orga-nizada, apesar do piso de chão batido e do teto e paredes de palha. Uma dentista — um enfermeiro cuidam dos índios e a FAB lhes tem prestado grande auxílio, enquanto a missão obtém, no Sul do País e no exterior, ajuda aprecia-vel. Do dia 1.º de abril de 1964 até agosto de 1968 (o autor da estatística recolheu o período revolucionário) nas-ceram 30 crianças, morrendo apenas uma. Houve, fora des-se número, um aborto e um matrimônio. Um rapaz mor-reu de tiro, em acidente, out-ro mordido de cobra, no ma-to. São essas as baixas. O crescimento engoroso, as-sim, de cerca de quatro por cento ao ano, superior à mé-dia nacional.

DATA DE OURO

Em 11 de novembro, contem-poraneamente, a notícia de que havia ouro na região hoje com-preendida pelo Parque Indi-gena do Tumucumaque (cer-ca de 30 mil quilômetros qua-drados) dizendo-se, inclusive, que aviões estrangeiros ali chegavam, para contraban-dá-lo. O boato tende a atrair garimpeiros. No dia da chegada do Presidente da FUNAI a Tiriós, comunica-ram-lhe os padres que, às sete horas, havia abicado na aldeia uma canoa com qua-tro deles.

— Tem que sair daqui im-e-diatamente — foi a respos-ta. Vamos levá-los em nos-so avião, para Manaus.

Os garimpeiros se apresen-taram:

— Não sabemos que era proibido garimpar aqui.

— Pois é. Trata-se de Par-que Indígena fechado. É uma área interdita. Só podem entrar a FAB, a Missão, o IBDF e a FUNAI.

— O senhor nos leva a Obl-dos?

— Mando-os levar, de Ma-naus. Sua canoa e suas es-pingardas ficam aqui.

Os garimpeiros ficaram sa-tisfeitos. Estavam no fim das provações e não sabiam como regressar.

— Avisem aos outros. Fa-lem com o chefe da sua As-sociação. O Parque do Tu-mucumaque é uma área in-terditada.

MISSA TIRIO

Na tarde do domingo, al-guns raios de sol penetra-vam naquele recinto, de c.m metros quadrados, quase dez metros, o ponto mais alto do teto, coberto de malha pua-se terra, socada. No altar, um crucifixo rústico. Frei Angélico começou a vesti-r a batina sobre os trajes cam-ponescos. Depois, os parame-nos. Cães e galinhas oss-se-va, iam pela nave rústica. As in-fâncias faziam os curumis ao teto. Houve o cântico de in-tróito, pelos índios: era a Missa em Tirió. Durou meia hora, terminando quando os penúltimos raios solares sa-vam tons multicores ao am-biente. Era um vitral rústi-co projetando-se contra a Serra do Tumucumaque.